

Departamento de Artes Visuais da Universidade de Évora

## **Decomposição dos limites nos corredores urbanos**

**Anexo D** – Trabalho Prático

Marta Garcia Alves Barata

Dissertação de mestrado em Artes Visuais/ Intermedia  
sob a orientação do Professor Doutor Filipe Rocha da Silva  
- Universidade de Évora -



O quotidiano encontra-se habitado por intermináveis estímulos visuais, onde ocorrem sucessões de cores e movimentos. O convívio com múltiplos suportes comunicacionais é anterior ao imediato instante em que a consciência desperta para o espaço público.

A eficácia do poder comunicacional expressa-se na manipulação e difusão diária de centenas de novas imagens que, com maior ou menor intensidade, despertam dispares desejos de aquisição. Imagens que se apresentam agradáveis, credíveis, de leitura rápida e tendencialmente normalizadora.

Cartazes para campanhas carregados de signos e mensagens de apelo a que se faça ou que não se faça, indicando direcções... realizações do Design.

E o que acontece a toda esta panóplia de suportes de informação, produzida aos milhares diariamente? Será tudo desperdício? A sua existência esgota-se com a data que apresenta, impressa a tinta? Como definir agora os cartazes que olhamos?

Cartazes momentaneamente esquecidos, suspensos nas paredes, permanecendo como que irreais ao longo dos corredores urbanos. Habitantes silenciosos que ocupam fissuras de intervalos de tempo, existentes entre as frenéticas reposições. Pausas, na sequência interminável desta ladainha ritmada do bulício urbano. Depois deste dia, outro virá, e por cima de cada imagem, outra surgirá.

O nosso olhar prende-se nas imagens fixadas nos limites dos corredores urbanos, nomeadamente nos cartazes de rua que habitualmente anunciam eventos culturais: espectáculos de música, cinema, teatro, lançamento de cd's ou livros. São suportes marcadamente urbanos onde se apresentam rostos, corpos, gestos, sentimentos, desenhos, paisagens, letras,... de grandes dimensões, superando a escala humana na representação do real.



Mas se o cartaz se apresenta como um poderoso meio para controlar e possuir o quotidiano, o quotidiano, por sua vez, através de um contínuo processo de depuração onde actuam o espaço e o tempo, vai inscrever novas linguagens no cartaz.

Desta simbiose resultam imagens que se apresentam desactualizadas, sedimentadas, desbotadas, corrompidas, acumuladas. No início, os contornos exteriores estão perfeitamente definidos, as cores são exactamente as escolhidas, a mensagem é legível e controlada. Mas este não passa de um período de incubação. Logo que se apresenta ao olhar, inicia letárgicas modificações onde algo se vai configurando. Os contornos dissipam-se, transformando as imagens em presenças perturbadoras da realidade e natureza das coisas "comuns".

A imagem emerge nos instantes em que o olhar interrompe o fluxo contínuo do tempo que, por sua vez, percorre a imagem irremediavelmente até à sua total sublimação.

Novas leituras despontam. Complexa imagem surgida do legado de todas as histórias anteriores, acumulações num único corpo, onde a enorme força plástica transcende as anteriores manifestações individuais. Acumulações, onde actuam tinta, sombra, luz, ruído, clima, ... num somatório onde as *nuances* de manchas denunciam o muro, resultando num novo sistema narrativo, interactivo e em mutação. Já não são imagens sedutoras, são imagens sem artifício, sem brilho, desinteressantes para a multidão conscientemente ausente que por elas passa, quase invisíveis.

Para a busca do exercício plástico encontramos mote no aspecto referido, para nós perturbador e ao mesmo tempo fascinante. Partimos assim para um processo de criação onde novas ligações na abordagem aos cartazes nos surgem que, iniciando-se no design, superam os limites deste. Dois momentos de análise antagónicos entre si, onde o espectro do processo criativo é percorrido de um ponto ao outro.



O designer posiciona-se na fase do processo em que impera a criação isenta de impurezas, sujidades, ausente de matéria: a concepção do cartaz desenvolve-se num gabinete onde a rua é vista comodamente de uma janela; os gestos deslocam-se e fixam-se, desconexos, num sentido que só se encontra num espaço de dimensão virtual. O resultado desse exercício sai-nos das mãos num *compact disc* e segue directamente para a tipografia. O cartaz materializa-se na distância da janela, do transporte, que nos desloca apressadamente.

A actividade *mainstream* do design ficou então posicionada no extremo oposto desta outra actividade plástica que agora se inicia: a rua é o meio onde se respigam as "imagens largadas" - onde, da convivência presencial, também coabitam connosco outros factores, como o ruído, ou os olhares curiosos que observam o rasgar de cartazes "fora do seu prazo de validade".

A escolha de cada um destes fragmentos contém a dose certa, que resultou de uma determinada deriva, onde os trajectos relativamente imprevisíveis da Natureza tocaram as formas da imagem, modificando-as e permitindo o ressurgimento a novos contextos.

Agora, o tacto vai aliar o gesto à matéria, incessantemente buscando a forma plástica final, que tantas vezes teima em não se revelar neste tempo, *cronos*, antes exigindo para si própria o momento oportuno, *kairós*.







*Sem Título*

Técnica Mista, colagem, pintura  
(180x140 cm), 2007





*Sem Título*

Técnica Mista, colagem, pintura  
(180x140 cm), 2007





*Sem Título*

Técnica Mista, colagem, pintura  
(160x130 cm), 2007





*Sem Título*

Técnica Mista, colagem, pintura  
(160x130 cm), 2007







*Sem Título*

Técnica Mista, colagem, pintura  
(140x100 cm), 2008





*Sem Título*

Técnica Mista, colagem, pintura  
(140x100 cm), 2009





*Sem Título*

Técnica Mista, colagem, pintura  
(160x130 cm), 2009